



## **ANEXO – Chamada: Manifesto pela Mudança**

### **Um Apelo por Ideias para a Edição Internacional do Manifesto pela Mudança** um projeto de Giovanni Caccamo

Queridos jovens amigos,

Eu sou Giovanni Caccamo, um artista, cantor e compositor italiano. Há alguns anos, tenho estado em uma jornada em busca de ideias, projetos e visões evolutivas para combater o niilismo e o obscurantismo que ameaçam nossos sonhos e esperanças, acreditando que a escuridão sempre guarda a preciosa oportunidade de acender uma luz. Às vésperas de uma nova primavera, nos sentimos como veteranos saindo de um longo período de dormência, forçados a uma sutil e profunda metamorfose. É por isso que penso ser nosso dever nos questionarmos quais são as mudanças mais urgentes em nossa sociedade. Este apelo que faço a vocês é uma extensão internacional do chamado para ideias Palavra aos Jovens (Parola ai Giovani), que lancei em 31 de março de 2022, em resposta ao apelo do escritor Andrea Camilleri, um pilar da literatura italiana, que confiou às novas gerações a assustadora tarefa de iniciar um novo Humanismo. O Apelo por Ideias para a Edição Internacional do Manifesto pela Mudança é dirigido aos jovens de todas as religiões, culturas e origens sociais. A diversidade é um valor valioso para construir o futuro. Conheci milhares de jovens em universidades, prisões e centros de refugiados, ouvi suas necessidades, seus medos e sua visão do futuro. O que você mudaria na sociedade em que vive e como? Qual é sua palavra para a mudança? Essas foram as duas perguntas respondidas por milhares de jovens italianos por escrito. As respostas mais esclarecedoras e profundas foram reunidas no livro Manifesto del Cambiamento (Manifesto pela Mudança), com o extraordinário prefácio do Papa Francisco. Em 21 de dezembro de 2022, entre os milhares que aderiram ao apelo por ideias, quinze jovens foram selecionados para participar da Agorà del Cambiamento (Ágora da Mudança), uma performance artística dentro da Stanza della Segnatura nos Museus Vaticanos, sob a famosa pintura Scuola di Atene di Raffaello (Escola de Atenas) de Rafael, na qual as palavras e ideias de cada um deles encontraram uma conexão com as dos outros. Não desejamos que este projeto permaneça apenas em uma exploração teórica e, cientes de que não poderíamos ser exaustivos, elaboramos uma lista aberta e tentativa dos valores com os quais nossas gerações se identificam, bem como algumas recomendações positivas que podem ajudar nossa sociedade futura a alcançar as perspectivas e fazer a mudança que defendemos. Hoje, gostaríamos de fazer as mesmas perguntas a vocês, para que um fluxo coletivo de pensamentos possa surgir dos jovens em todo o mundo, que lançarão as bases para um futuro novo e evolutivo. Abaixo você encontrará alguns exemplos de vários textos contidos no "Manifesto pela Mudança" que você pode usar como guia para escrever o seu próprio, assim como o comovente prefácio do Papa Francisco. Minha palavra para a mudança é 'gratidão'. Qual é a sua?

**INSTRUÇÕES** Responda à pergunta por escrito “O que você mudaria sobre a sociedade em que vive e como?”. Ajude-nos a entender quem você é, qual é a sua história, sua cultura, sua origem e visão do futuro, e qual aspecto da sociedade você mudaria (se julgar apropriado, dê especial atenção a questões relacionadas ao seu país e território). Descubra o projeto Juventude e Futuro em minha página do Instagram @giov\_caccamo ou em [www.manifestoforchange.org](http://www.manifestoforchange.org)

ALGUNS EXEMPLOS DE PALAVRAS DE MUDANÇA (VOCÊ PODE ESCOLHER UM DELES OU ENCONTRAR UM NOVO)

**Sociocultural:** acolhimento, lar, conflito, coragem, democracia, diálogo, direitos humanos, desigualdades, diversidade, economia, educação, ética, eutanásia, família, fadiga, justiça, imigração, trabalho, idiomas, igualdade de oportunidades, racismo, relacionamentos, revolução, sacrifício.

**Ambiental:** alimentação, compartilhamento, cuidado, ecossistema, energia, equilíbrio, poluição, natureza, respeito, saúde, sustentabilidade, terra.

**Espiritual:** amor, alma, arte, escuta, beleza, compaixão, desejo, diálogo interior, dor, equilíbrio, ser, fé, felicidade, confiança, gratidão, identidade, indiferença, leitura, meditação, morte, música, perdão, princípios, renascimento, silêncio, esperança, valores, vida, vocação.

## CARTA AOS JOVENS PAPA FRANCISCO

Queridos,

Em nosso tempo, sentimos um grande medo da mudança porque não sabemos como suportar a incerteza e nos retiramos diante dos perigos, reais ou fictícios. Esse medo revela uma visão pessimista da liberdade humana e dos processos históricos, como se não houvesse mais nada que pudéssemos fazer para evitar a catástrofe. Falha-se em ver que por trás de cada crise também há uma oportunidade. Por outro lado, no entanto, também é verdade que falamos com muita frequência e superficialidade sobre a necessidade de mudança: tornou-se uma tendência à qual estamos nos acostumando. Portanto, slogans, símbolos e declarações muitas vezes são inventados. Faz-se propaganda com a mudança, o que alimenta o egoísmo e os interesses partidários. O desafio está aberto neste ponto: seja um agente de mudança!

Há um poema popular argentino que é muito querido para mim, o Martin Fierro. Foi publicado há muitos anos, em 1872, e ainda permanece relevante em muitos aspectos. Entre outras coisas, diz: "Se você canta, certifique-se/que canta com sentimento/Não use o instrumento/apenas pelo prazer de falar/e tente cantar/apenas o que vale a pena". Esta é a mensagem que quero deixar para vocês: em um mundo onde a comunicação molda nossa convivência social e também nossas escolhas, vocês são chamados a buscar palavras dentro de sua experiência para expressar o anseio por um novo mundo. Evitem todo canto que é "apenas pelo prazer de falar". Expressar palavras de mudança, mas de uma maneira que não seja apenas uma mudança de palavras. Comprometam-se a mudar as vidas das pessoas ao seu redor que precisam de vocês. Isso será prova de que vocês estão falando sério. "O amor deve ser expresso mais em ações do que em palavras", escreveu São Inácio de Loyola. Ele estava certo. Deve-se falar com toda a vida. Em um momento em que as palavras perderam seu peso e falta o "fascínio" que as torna vivas, é a vida que dirá se suas palavras são realmente verdadeiras: falem com toda a vida!



As palavras que vocês compartilham uns com os outros criam laços, capazes de articular suas ideias e sentimentos, mas também de levá-los à ação, ao compromisso e à luta. Compartilhem-nas uns com os outros, mas também com pessoas mais velhas do que vocês, especialmente os idosos. Vocês serão capazes de imaginar um novo mundo se conseguirem ouvir os sonhos de seus avós. Mantenham o fio entre as gerações esticado, sem permitir que se caiam em utopias vazias. Discutam, mas estejam cientes de que se envolvem em diálogo agindo juntos pelo bem de todos, caso contrário, é "academia". Do trabalho conjunto, então, vem a comparação, o debate e o aumento do entendimento mútuo, a abertura para as perspectivas dos outros. Onde há vida, há mudança, medo, pesquisa, incerteza, esperança. Avancemos, então, e com coragem!

## ALGUNS EXEMPLOS DE TEXTOS

### GRATIDÃO

Vamos imaginar nossa vida como uma nave espacial da qual somos o comandante: toda manhã nos levantamos, abrimos os olhos, entramos na sala de controle e nos sentamos diante do painel de controle. Diante de nós, vemos cem botões brilhantes dos quais, em média, noventa e cinco estão verdes, ligados, e cinco vermelhos, desligados. Os cinco botões vermelhos são os problemas, mais ou menos relevantes, que diariamente capturam nossa atenção e estragam nossos dias: um emprego, um problema no trabalho, o desejo por um status econômico melhor, o fracasso em alcançar um objetivo, uma doença crônica, a perda de um ente querido, a ansiedade por sucesso ou posse. Essas cinco luzes vermelhas traduzem emocionalmente a causa de nossa infelicidade latente. Um dia, sentados como de costume em nosso posto de comando, percebemos que um dos noventa e cinco botões, que sempre esteve verde, de repente ficou vermelho: o botão da liberdade. Uma pandemia inesperada forçou toda a humanidade ao isolamento. Esse botão, que tomávamos como garantido e mal lembrávamos que existia, se transformou em um problema sem precedentes e complexo que pode perturbar todo o sistema, fazendo com que cada um de nós sinta a urgência de fazer coisas que antes eram comuns: dar um passeio, jantar com amigos, abraçar um ente querido. A pergunta que me faço, então, é: 'Por que nunca valorizei o botão da liberdade antes? Por que nunca dei a esses pequenos gestos a importância que merecem?'. Agora, diante do novo estado do meu painel, tenho duas opções: continuar focando nos botões vermelhos e reclamando do que não tenho, ou mudar minha perspectiva, mudar meu ponto de vista, e começar a ter consciência, sentir gratidão e apreço por todos os botões verdes, aprendendo a lhes dar identidade e valor. Para fazer isso de maneira simples, um exercício de visualização vem em nosso auxílio: quando percebemos que pensamentos negativos começam a polarizar nossa mente e nossas emoções, temos que parar e nos sentar, fechar os olhos e observar cuidadosamente o que está acontecendo. "Quais botões estou concebendo que podem me deixar infeliz?". Uma vez identificados e nomeados, vamos deixá-los de lado por um momento e focar nos botões verdes: tenho um lar para viver, estou saudável, vivo em um país sem guerra, o sol aquece a terra, minha mãe está viva. Agora começamos, um por um, a transformar esses botões em vermelhos, conectando emocionalmente com esse estado de espírito. Desligo o botão da minha casa: não tenho mais um lugar para viver. Desligo meu botão de saúde: meu corpo e mente vacilam. Desligo minha paz: de repente, mísseis e bombas aparecem ao meu redor. Desligo o sol: a atmosfera começa a entrar em colapso e cobrir o planeta com oxigênio, hidrogênio e outros gases solidificados. Desligo minha mãe: experimento sua perda e luto. Neste ponto, nos encontramos em um estado emocional de raiva e desespero. Após alguns minutos, olhando para o nosso lado direito, veremos uma grande alavanca com a palavra "redefinir" escrita nela, que, quando baixada, nos permitirá voltar imediatamente ao estado inicial. Então

perceberemos como os poucos botões vermelhos que ameaçavam a tranquilidade de nosso dia eram, afinal, problemas relativos e sorriremos novamente.

Aprender a exercitar a gratidão diariamente pelo que nos é concedido e dado nos ajuda a nos sentirmos amados e, conseqüentemente, a amar. Somente sendo uma pequena formiga encontro paz, somente sendo uma nota passageira na harmonia universal alivio minha alma e minha mente dos pesados blocos de acumulação, ganância, egoísmo, pressa, imortalidade enganosa, e recupero o fôlego. Respiro conscientemente, habito minha respiração, habito minhas emoções. Mudar hoje significa redescobrir nossas raízes, viver um tempo lento mais em sintonia com nossa natureza humana e a mudança das estações; uma vida de diálogo, de silêncio, a serviço da luz, da beleza e de uma consciência coletiva; estar ciente de quem somos e encontrar nosso lugar no mundo; passar de uma espiritualidade baseada em demanda para uma espiritualidade baseada em gratidão.

Giovanni Caccamo, artista

### **ALIENAÇÃO**

Estou escrevendo esta carta em 25 de julho de 2022 de um mundo que está passando por uma crise de aceleração, o motor está superaquecido, algo está causando atrito e observamos isso em todos os níveis: material, ambiental e espiritual. O ambiente está desequilibrado, mentes se tornam neuróticas, os distúrbios de ansiedade e depressão aumentam, os relacionamentos humanos são cada vez menos duradouros, as instituições se tornam cada vez mais instáveis, a Igreja envelhece e a espiritualidade cede lugar a uma racionalidade ostentada. Todos esses fenômenos são a reverberação de apenas um: o consumismo, um termo já envelhecido e gasto. O consumismo não é apenas ir ao shopping, é uma maneira de viver a trezentos e sessenta graus, consumindo cada recurso (até mesmo o amor, até mesmo o tempo) como se nunca fosse acabar. Sim, porque o consumismo consome tudo e transforma tudo em mercadoria, incluindo palavras, inclusive consumidores! Por um tempo, a humanidade surfou na onda entusiasmada de um progresso aparentemente ilimitado, agora que a onda se chocou contra o recife da realidade, é hora de fazer um balanço. Sejam claros, provavelmente encontraremos as grandes soluções para os grandes problemas ambientais, alimentares, de saúde, logísticos e energéticos. A mudança nessas áreas ocorrerá porque a tecnologia está avançando inexoravelmente. O que me assusta, no entanto, é o encolhimento da intimidade humana. O novo milênio é um gigantesco experimento social com uma longa série de inovações históricas: uma delas é a simbiose com as máquinas, que se tornaram uma muleta para o cérebro. Para transformar os seres humanos em mercadoria, é imperativo que adotem seu personagem-chave: a homologação. A televisão fez um grande trabalho nessa área, mas nada comparado ao smartphone: a TV era uma espécie de divindade fornecendo informação e entretenimento, o telefone, por outro lado, é interativo, você se torna a divindade! Crie-se, crie sua própria realidade, vestido de personagens originais, mas reconhecíveis. A realidade artificial treina você como um cão e ao som do sino você levanta as orelhas, desbloqueia a tela e em vez de um biscoito você recebe uma pequena onda de dopamina, uma recompensa obtida sem ter feito nada. Aqui está a mercadoria perfeita: sempre disponível, previsível em seu modo de operação e previsível em suas falhas. Minha palavra é "alienação". Cheguei ao ponto principal da minha mensagem e o mais difícil. Toda fuga da realidade é uma fuga da dor, viver em uma dimensão artificial é a escolha do viciado. As redes sociais, de muitas maneiras, se comportam como qualquer outra droga, com a diferença de que não há limite, sempre disponíveis e, acima de tudo, gratuitas. O profundo desconforto que é a marca de uma sociedade que escolhe se alienar é algo difícil de enquadrar e analisar, muito menos resolver. A única solução real é aumentar a conscientização, as barreiras, educar sobre a digitalização não demonizando suas ferramentas, que agora são inevitáveis, mas aprendendo a conhecer seu potencial, armadilhas e mecanismos. Às vezes,

esquecemos que a maioria das interfaces é projetada para ser viciante: você contra elas. Esta é uma razão boa o suficiente para decidir resistir a elas.

Marco Anastasio, rapper

## CONHECIMENTO

Meu nome é Mário Falanga, sou um detento na prisão de Rebibbia. Nos recintos desta nova casa, tenho me perguntado se cada um de nós, durante nossas vidas, dedica tempo suficiente à introspecção, para ponderar sobre nossa existência, tranquilidade e realização, ou se, ao contrário, nos perdemos, sozinhos, no labirinto dos arrependimentos. Há anos, meu corpo sempre gravitou pelos mesmos recintos, aguardando a liberdade tão desejada, devido às escolhas erradas do meu passado. É meu esforço diário tentar curar essa ferida construindo uma vida saudável e mais consciente. Nos últimos anos, tenho sentido a urgência de meditar, de embarcar em uma longa jornada interior em busca de significado. Nascermos sem saber o que é certo ou errado, sem saber o bem e o mal, envoltos nos cálidos panos da pureza; crescemos em famílias e contextos diferentes que contribuem para a formação de nosso caráter e sensibilidade. Cada vida é, assim, única e irrepetível. Muitas vezes, no entanto, nossa singularidade é achatada pelo medo do julgamento dos outros, o que nos leva a nos conformar com um pensamento comum desprovido de empatia. O tempo de escuta perde terreno. Por mais paradoxal que pareça, a prisão me proporcionou esse precioso tempo ao me dar a oportunidade de um confronto saudável: a descoberta e a escuta dos outros. Isso foi um renascimento para mim. A vida antes da prisão, embora em liberdade corporal, havia aprisionado minha alma e meu pensamento, levando-me a fazer escolhas erradas. Desde cedo, cresci com o exemplo de que a arrogância era a moeda para comprar respeito, que a intimidação era a abordagem correta para com os outros e a desobediência a norma a seguir. Sentia-me forte diante do medo dos outros. Tive meus primeiros problemas com o sistema de justiça ainda na adolescência, apenas para ser preso quando tinha apenas dezessete anos. Meu comportamento indisciplinado levou a várias transferências: vaguei de uma instituição para outra, primeiro entre a Campania e a Sicília, depois, assim que atingi a maioridade, para o Piemonte. Alguns anos depois, fui transferido para a Penitenciária de Rebibbia, onde ainda cumpro minha sentença. Diante de trinta e cinco anos de prisão, eu estava em uma encruzilhada: aproveitar ao máximo esse tempo ou me perder na desesperança. Com a ajuda de funcionários de grande profundidade humana e profissional, comecei a estudar, interagir e descobrir um aspecto da vida que nunca conheci ou imaginei antes. Fui capaz de estabelecer amizades baseadas em respeito mútuo e confiança; encontrei pessoas dedicadas a ouvir, que me incentivaram e me atraíram para a reabilitação. Inicialmente, tudo isso parecia muito estranho aos meus olhos, porque, como a maioria das pessoas, sempre associei a prisão a uma comunidade de malfeitores e delinquentes, um recinto de criminosos; no entanto, com o tempo, descobri uma humanidade dilacerada por traumas e derrotas pessoais, danificada por preconceitos e entregue à própria sorte. No meio de arame farpado e grades de ferro, descobri o que era estudar, a emoção da descoberta; assim, optei por me matricular no ensino médio. Quanto mais os anos passavam, mais meu interesse pela cultura crescia. Um dos primeiros marcos que alcancei com orgulho e felicidade foi minha formatura: 90/100. Não hesitei em me inscrever na faculdade e hoje estou no terceiro ano de Humanidades. Conheci figuras extraordinárias como Giacomo Leopardi, com seu *Dialogo di Cristoforo Colombo* e di Pietro Gutierrez; aprendi lições de vida através de *I Malavoglia*, de Verga, que me ensinou como o espírito de sacrifício torna a vida única; redescobri com *Il fanciullino*, de Giovanni Pascoli, o valor e a riqueza da inocência, cada vez mais fraca nos corações de nós adultos. Passei tardes inteiras na companhia dos pensamentos de grandes filósofos como Thomas Hobbes e John Locke, que ampliaram minha visão do horizonte do conhecimento. Tudo isso me fez perceber que o estudo deve nos pertencer tanto quanto a própria vida e que nele estão armazenadas as chaves para abrir nossas



mentes e nossa consciência. História, filosofia e literatura são as únicas armas que podem combater a ignorância e o preconceito, despojando o homem de aparências e superficialidade. Compreender quem sou, de onde venho e o que posso me tornar são os maravilhosos presentes que a prisão, apesar de tudo, me deu. Entendi os valores corretos da vida, da reflexão, da temperança. Hoje penso em meu futuro com tanta luz e positividade, depois de anos vivendo nas sombras do remorso e da dor, questionando se a sociedade, uma vez que eu saia daqui, me aceitaria e acolheria. Sei que será árduo fazer as pessoas terem uma ideia diferente de mim, confiarem em mim, mas farei tudo que estiver ao meu alcance para que isso aconteça. É precisamente por causa da minha experiência que hoje posso responder à pergunta "O que você mudaria sobre a sociedade em que vive e como?". O Estado deve novamente assumir a responsabilidade pela educação das gerações mais jovens, tanto em termos humanos quanto culturais, expandindo os fundos para escolas, apoio familiar, iniciativas juvenis, centros culturais, especialmente nas áreas mais periféricas e degradadas, garantir apoio psicológico para aqueles que precisam. Sem cultura, sem conhecimento, sem história, sem introspecção e contato com nosso eu interior, somos homens destinados ao naufrágio. Não desperdice sua vida como eu fiz.

Mário Falanga, detento

### **ACOLHIMENTO**

Meu nome é Remon Karam, algumas pessoas alguns anos atrás me chamariam de imigrante ilegal. Eu vim do Egito quando tinha apenas catorze anos, um menor desacompanhado a bordo de um barco. Eu corria o risco de morrer porque buscava liberdade em seu país, o direito de estudar, em um lugar livre de todos os preconceitos raciais e religiosos. Aos quatorze anos, me vi de repente em outro mundo. Decidi deixar para trás casa, pais, amigos para seguir meu sonho de estudar e ser alguém que meu pai nunca conseguiu ser, já que nunca teve sorte na vida. Ainda posso imaginar a reação da minha mãe quando acordou às seis da manhã para nos preparar o café da manhã antes da escola, leite quente e pão do dia anterior, e de repente encontrou uma criança a menos à mesa. Continuo carregando nos ombros o peso da dor causada à minha família, mas mesmo assim, o desejo de fazer meu pai se orgulhar de mim tem crescido cada vez mais desde então. Eu queria vê-lo feliz, saudável e nunca precisando de nada, como fez com meu irmão e comigo. Saí de casa sem me despedir, apenas avisei meu irmão e o abracei de maneira apressada, sem imaginar que não o veria novamente por anos. Se voltasse atrás, o abraçaria por horas. Não tinha nada comigo além de uma pequena foto dele e uma bagagem de sonhos para realizar. Corri o risco de ser morto pelos barqueiros, eles me ameaçaram e me atacaram, disseram que me matariam se meu pai não pagasse a quantia de quarenta mil gunayh, que equivale a quatro mil euros, um ano e meio do salário dele. Meu pai pagou para salvar minha vida, apesar de todo o sofrimento que causei a ele. Ele vendeu as poucas joias da minha mãe, as terras do meu avô, pegou dinheiro emprestado de amigos e parentes. Ele fez tudo isso para me salvar. Acabei com cento e oitenta seres humanos, apertados em um pequeno barco de pesca de madeira cheio de buracos de onde a água entrava. Éramos egípcios e sírios, havia bebês de poucos meses e adultos na casa dos setenta anos. Comia arroz cozido com água do mar, em uma tigela para dez pessoas, parecíamos tantos animais. Bebia água misturada com gasolina da tampa da garrafa. Não tinha companheiros de viagem, nenhum irmão ao meu lado ou meus pais. Como senti falta do frango da minha mãe, das piadas bobas do meu pai, dos jogos na rua! Felizmente, tinha duas coisas para me fazer companhia, a foto do meu irmão e minha fé em Jesus. Olhava para as estrelas desenhando os rostos dos meus entes queridos, essas estrelas me acompanharam durante toda a jornada de sete dias, eram meus sonhos se tornando realidade. Na noite do sexto dia, vi as luzes da Sicília e os barqueiros nos disseram que chegaríamos de manhã. Finalmente, um momento de felicidade após dias inteiros de navegação sem falar com ninguém. Todos tinham medo de simplesmente se perguntarem, "Ei, como vai

“você?” Eu não queria que ninguém me fizesse falar sobre minha família; isso me faria sentir mal. Na tarde do dia seguinte, a guarda costeira italiana nos avistou e nos fez sinal para segui-los. Desembarcamos em Portopalo em 17 de julho de 2013, lembro-me que era o pôr do sol. Quando pus o pé no chão, soube que tinha sobrevivido, era hora de pensar no meu futuro e me tornar aquele alguém que meu pai sempre quis ser. Quando desembarquei, colaram o número 92 no meu peito. Perdi minha identidade por semanas e continuava me sentindo como um número entre muitos e não mais um ser humano. Experimentei a verdadeira aceitação graças à minha família adotiva, eles me acolheram sem nunca esperar ou receber nada em troca, exceto o simples amor de uma criança que nunca tiveram. Ainda me lembro do primeiro beijo de boa noite da minha segunda mãe, Marilena, um beijo que tinha o significado de amor livre e sincero. Lembro-me da ajuda do meu segundo pai, Carmelo, que, para me ensinar o idioma, colava post-its nos objetos ao redor da casa escrevendo as palavras em italiano e siciliano. Marilena e Carmelo me deram o amor de que eu precisava, tratando-me como um filho em todos os sentidos. Devo crédito à minha família egípcia pelos valores que me transmitiram e a Marilena e Carmelo por me tornarem o homem que sou. Na minha vida, conheci muitas pessoas que me permitiram realizar meus sonhos sem nunca esperar nada em troca. Francesca Barra contou minha história em seu livro "Il mare nasconde le stelle" - O mar esconde as estrelas - e graças a ela pude espalhar minha mensagem de vida, contando a dura realidade que os migrantes enfrentam antes de desembarcar na Itália. A luta pelos direitos humanos se tornou minha batalha humana, não política. Gostaria de fazer as pessoas entenderem que não há diferença entre um italiano e um não cidadão da UE, todos podemos trabalhar juntos pelo bem comum da nossa Itália. Isso pode ser feito evitando preconceitos, através do intercâmbio e da troca de opiniões interculturais. O intercâmbio com o outro leva ao conhecimento da verdade. Acolher não é apenas abrir um porto, não é jogar as pessoas em centros de imigrantes e alimentá-las para organizações criminosas e exploração. Acolher é dar amor, respeito, aceitação e, acima de tudo, ouvir as necessidades dos outros. Todos esses fatores caracterizaram minha inclusão na Itália, inclusive pela minha universidade “Kore”, que me deu desde o início a oportunidade de espalhar meus ideais. Graças à universidade e aos meus colegas, fui eleito com o maior número de votos para o corpo mais prestigiado, o Conselho de Administração. Foi-me permitido falar diante do Presidente da República Sergio Mattarella e diante de todo o país. Consegui me formar no curso de três anos em línguas e culturas modernas, e atualmente estou no segundo ano do programa de especialização em línguas para comunicação intercultural e cooperação internacional. Tudo isso foi possível graças às pessoas que me ajudaram. Provavelmente, se todos fossem recebidos dessa maneira, só haveria tanto bem para a nossa Itália. Sonho em me tornar embaixador e representar meus dois lugares do coração, Egito e Itália. Sonho em poder gritar cada vez mais alto pelos direitos dos menos privilegiados. Finalmente, sonho em poder dizer: “Mãe, Pai, eu consegui”. Talvez, finalmente, eu tenha conseguido fazer meu pai se orgulhar como prometi.

Remon Karam, ativista de direitos humanos

## **BELEZA**

Quantas vezes você se atormenta diante do espelho, passando as pontas dos dedos sobre o que acredita serem imperfeições repulsivas distribuídas ao longo de seus quadris ou em suas coxas? Quantas vezes esse mesmo espelho foi ferido por seus punhos frustrados, desapontados, obstaculizados, como ícones de beleza nas paredes que te julgaram maliciosamente? Concentre-se agora nas paredes: quantos segredos elas guardam que não podem revelar? Quantos gritos elas ouviram e quantas lágrimas elas silenciosamente enxugaram na noite? Quantas vezes o embaraço fez suas bochechas corarem e cobriu seu corpo com roupas pesadas no calor sufocante do

verão? Quantas vezes você preferiu se isolar porque se sentia pesado, desajeitado, desajeitado? Por que você fez isso? "Porque eu não me sentia bonita o suficiente." Você tem certeza de que isso é realmente beleza? Pensando cuidadosamente, você lembrará que alguns sábios filósofos consideraram a beleza um conceito intangível associado à arte ou à natureza. "Beleza é o que é bonito e satisfaz os sentidos", teorizou Kant. É elusiva, indefinível, celestial, uma experiência íntima e emocionante fora do comum; é aquele momento em que você percebe que está presente, inevitável, quando o coração bombeia sangue para você, vibra para você, amolece para você, para que você possa preencher, por sua vez, o coração daqueles que pararam de amar. Seria bom, então, ser capaz de compreender tudo isso, de apreciar a beleza, de distingui-la da estética, da ideia de perfeição. Seus dedos agora não ferem seus quadris, mas os acariciam, seu corpo é imperfeito, fragrante, saudável, pronto para mil experiências, você quebrou as correntes concedendo liberdade à desajeitadice, um respiro da homologação e um gentil gesto de reconciliação. Você se emociona até as lágrimas sem se sentir errada, mas simplesmente em diálogo com sua essência, a terra, as raízes, a verdadeira beleza.

Beatrice Canullo, estudante de Literatura Moderna, Universidade de Perugia

### **CORAGEM**

Quanta coragem é necessária para ser uma flor exposta às tempestades da vida e às injustiças indiferentes que pisoteiam o solo. É preciso coragem para ser um homem: como folhas tremulantes caímos, estendidos longamente no chão, na inércia do fracasso, surdos a qualquer vento de renascimento. Coragem foi o que teve o jovem Davi, com suas pedras e funda, contra o gigante Golias; coragem foi o que teve Moisés na jornada para libertar o povo da escravidão no Egito; coragem foi o que teve Desmond Tutu em sua missão contra o apartheid na África do Sul; coragem foi o que teve a pequena Sophie Scholl com sua luta não violenta contra o nazismo. As rochas têm coragem diante das ondas violentas da vida. Quando uma onda chega, ela machuca, queima os olhos e as narinas, obscurece o futuro, bloqueia o pensamento, tira o fôlego. Ainda assim, admiro com espanto seu permitir-se ser corajosamente moldadas por essa dor, como pescadores idosos com cachimbos que, embora tenham experimentado o mal, permanecem ali, firmes e fortes, em algum lugar entre a água e o ar, um ponto de pouso para tantos naufragos. Têm coragem aqueles artistas que percorrem as ruas deixando para trás as expectativas dos pais que prefeririam um porto seguro para eles. Têm coragem aqueles sonhadores com bolsos profundos que perseguem sua paixão confiando no vento providencial da vida. Corajosos são aqueles que continuam sorrindo para oferecer sua rosa apesar dos insultos e da indiferença dos transeuntes. Os estudantes têm coragem. Muitos caem do precipício, vítimas da servidão mentirosa: "você não é capaz", "você não é bom", "você está atrasado", sereias que cantam e pelas quais, infelizmente, muitos são enfeitiçados. Todos nós temos dentro de nós uma semente de desprezo à qual às vezes damos voz e que nos impulsiona a buscar metas e afirmação para tentar silenciá-la, para acalmar seus gritos no silêncio do inconsciente. Daquele precipício um vento quente me resgatou, foi a canção de Deus que sacudiu os navios ancorados dos meus sonhos entre os arbustos espinhosos dos pensamentos, apoiou pacientemente meu equilíbrio na corda bamba da angústia, estendeu as mãos dos amigos, driblou o medo, cortou o arame farpado que me cercava e, com seu amor infinito, impulsionou minha alma no balanço das emoções, acariciando a criança ferida dentro de mim. É preciso coragem para não ser influenciado por críticas destrutivas e reconhecer, ao internalizá-las, críticas construtivas. É preciso coragem para aceitar nossa história, nossas emoções, quem fomos e quem seremos. Por muito tempo me senti como uma pequena margarida em um campo pontilhado de grandes e brilhantes rosas, eu me desprezava até me encontrar deitado em um prado. Naquele instante, experimentei um amor maior, percebendo o quão precioso cada ser vivo é em sua singularidade. A luz adora se fechar em pequenas coisas, e assim a margarida me ensinou algo importante: também recebemos amor do céu, da vida, das pessoas, dos



amigos, da família, do trabalho, de um estranho, e esse amor que recebemos devemos deixar fluir através de nós para os outros. Mudar a sociedade significa romper os diques do coração e permitir que o bem flua. Eu queria mudar o mundo, mas odiava ajudar minha mãe na cozinha; eu dava aos pobres, mas era incapaz de ajudar meus amigos íntimos nos momentos de dificuldade; eu queria ajudar estranhos, mas não acariciava as feridas que carregava em meu coração. Para melhorar a sociedade, precisamos começar por nós mesmos, pequenos gestos para grandes mudanças. O que todas as pessoas corajosas têm em comum? Medo. Todos nós somos imperfeitos, fracos, incapazes, inadequados e mesmo assim tentamos dar nossa contribuição ao mundo superando os Golias da vida, acreditando em um amor maior. Aos jovens como eu, eu digo para confiarem no bem que conheceram e acreditem em suas paixões. Amar este mundo e ser capaz de melhorá-lo requer coragem, e para fazer isso precisamos encontrar a força para abraçar nossas fraquezas e chamar nossos medos pelo nome. Aos jovens da mudança, aos jovens de hoje e de amanhã, eu digo tenham coragem de ser como pequenas margaridas que recebem e dão luz, de seguir seu próprio caminho de revolução apesar das portas fechadas que, ao longo do tempo, provam ser sinais salvadores em direção ao nosso lugar no mundo. Que cada palavra neste manifesto seja uma pequena vela acesa. Cada pessoa que se abre para a vida ilumina a terra, e assim, olhando para ela de cima, o mundo parecerá uma estrela brilhante em uma harmonia de amor na escuridão sombria do universo. Eis o poder da coragem: ela acende corações espalhados no abismo do medo. O bem requer coragem; nunca pare de semear no campo de nossos medos. Somos mais fortes!

Anna Caputo, escritora

## **FAMÍLIA**

Viajei pelo mundo em busca de uma família, percorri cem países à procura do meu pai. Meu nome é Andrea, e na minha pequena cidade natal, eu era o único com o sobrenome da minha mãe, uma desgraça para a criança pequena que eu era. Tive minha primeira experiência familiar aos quinze anos, quando um tumor foi removido do hemisfério esquerdo do meu cérebro. Os médicos que salvaram minha vida, as enfermeiras que cuidaram de mim com carinho e as pessoas que me apoiaram e encorajaram eram todos minha família. Ao longo dos anos, então, conforme observava as muitas cores do mundo, descobri o que minha cultura sempre havia me escondido: a verdadeira família. Família não é apenas pai e mãe e o que eles me ensinaram, mas é um conceito líquido capaz de se moldar e se materializar em pessoas preciosas que têm o dom de poder conceder seu tempo e atenção. Mudança é fazer com que qualquer pessoa que teve alguém ao seu lado para receber e dar amor se sinta consciente e afortunada. Quando criança, me sentia inadequado porque via a minha como uma "meia-família" ou pior, como uma "não-família". Eu percebia minha mãe e eu como dois icebergs flutuantes aniquilados pela sociedade. Hoje, alguns anos depois, desenhando linhas coloridas sobre meu nome, visualizo claramente minha família e todas as almas que me educaram ao longo do tempo. Família sou eu e minha mãe; eu e meu avô; eu e minha avó; eu e as crianças com quem brinquei em hospitais e orfanatos; eu e meus amigos mais próximos; família é quem me convida para almoçar, quem me lança um olhar gentil. Família foi um encontro na África do Sul com um menino de oito anos que, enquanto levava suas irmãs gêmeas para a escola, me disse que sonhava em se tornar professor de inglês para ensinar inglês para aqueles que não o falavam. Ele estudava e trabalhava para ajudar a única menina adulta sobrevivente em sua família: sua avó numa cadeira de rodas. Família é uma amiga colombiana minha que, após ser adotada, descobriu que tinha irmãos e voltou ao seu país de origem com seus pais adotivos para conhecê-los. Família é um menino de Uganda que, com olhos divinos, me informou emocionado que finalmente havia sido adotado e finalmente conheceria sua mãe e pai no dia seguinte. Família é meu amigo aposentado que construiu um caixão para seu amado cachorro e reza por ele todos os dias. Família sou eu quando brinco com crianças nos orfanatos do



mundo; as intermináveis crianças solitárias e invisíveis esperando por uma família própria. É maravilhoso dar à luz, mas é igualmente maravilhoso dar à luz a ideia de não deixar as crianças sozinhas, salvando-as fazendo delas nossa vida. Com os indígenas, na Amazônia, vivi em uma cabana sem porta porque, em sua cultura, todas as cabanas formavam uma família. Nossas portas trancadas são sinal de medo? Podemos ter medo de nossos entes queridos? A guerra é o oposto da família. Purifiquemos nosso olhar, transformemos raiva e medo em maravilha, seguindo o exemplo das crianças, aprendendo a nos maravilhar e ser curiosos. O desejo que eu confiaria à Lâmpada do Gênio é dar a todos o meu conceito de família. Minha família é o mundo.

Andrea Caschetto, embaixador de sorrisos